

“O amor matrimonial e familiar à luz da 1ª Carta aos Coríntios 13” – Cap.4 da “Amoris Laetitia”

“‘Amoris Laetitia’ é marcada por um tom novo, fresco, verdadeiramente libertador, como habitualmente não se encontra num documento doutrinal. Ela fala, não de uma imagem da família pensada abstractamente na secretária, mas realisticamente das alegrias e das dificuldades na vida das famílias, hoje. Ela não quer criticar e moralizar, também não insistir simplesmente na doutrina, mas fala, sim, de forma aberta e descontraída da sexualidade e do erotismo, exprime compreensão e apreciação pelo bem que se pode encontrar também em situações que não correspondem ou não correspondem completamente à doutrina e à ordem eclesial. Ela quer, sobre a base da Sagrada Escritura, encorajar e indicar um caminho em frente para a felicidade e a alegria do amor. Característico para a orientação bíblica é o quarto capítulo, segundo o Papa o coração de todo o documento, com a expressiva interpretação do canto do amor (1 Cor 13)”¹. Estas são palavras do Cardeal Walter Kasper num dos primeiros comentários surgidos a público à Exortação Apostólica do Papa Francisco.

Estruturo esta reflexão em três partes. Num primeiro momento procuro fazer, em três etapas, um breve enquadramento global do tema a reflectir. Num segundo momento – a parte mais desenvolvida desta reflexão – abordo expressamente em sete aspectos o tema proposto, seguindo de perto a Exortação Apostólica “*Amoris Laetitia*”. Na terceira parte faço umas breves anotações conclusivas.

1.O amor matrimonial e familiar como sinal privilegiado do amor de Deus pelo mundo

1.1.O amor e a doação como sentido de uma plena realização humana

O ser humano não se realiza fechando-se em si mesmo e numa atitude egocêntrica, mas encontra a sua realização pelo amor, pela doação e pela comunhão. Na chamada ao amor solidário e à comunhão com o outro de quem nos aproximamos não está em causa uma exigência extrínseca à própria identidade e vocação humanas. Pelo contrário, exprime-se aí a identidade mais profunda do ser humano, que “não pode viver sem amor. Ele permanece para si próprio um ser incompreensível e a sua vida é destituída de sentido, se não lhe for revelado o amor, se não se encontra

¹ W. KASPER, “*Amoris laetitia*”: *Bruch oder Aufbruch?*, in *Stimmen der Zeit* 234 (2016) 724. Cf. U. NOTHELLE-WILDFEUER, *Familienrealitäten und Familienbilder – Schnittpunkte zwischen moderner Gesellschaft und Amoris laetitia?*, in *Theologische Quartalschrift* 196 (2016) 336 ss; H. KOCH, *Amoris Laetitia. Eine Erläuterung*, in *Stimmen der Zeit* 234 (2016) 363.

com o amor, se o não experimenta e o não torna algo de si próprio, se nele não participa vivamente”².

Esta afirmação do sentido último da existência está em consonância com o reconhecimento crente do próprio Mistério de Deus Criador e Salvador: o cristão sabe-se originado num Deus que é amor e comunhão e tem consciência de que a sua vocação fundamental é ser chamado à comunhão com Deus e ao amor fraterno. O amor que é o cerne do Mistério de Deus é também a raiz profunda da humanização do homem. Em Jesus Cristo o ser humano redescobre que o sentido radical da existência está no dom de si mesmo, que a lei fundamental e a estrutura básica de toda a realidade é o amor³.

1.2.A expressão matrimonial do amor como metáfora, como gramática do amor de Deus pela humanidade

A visão cristã do matrimónio e da família insere-se, como realização existencial, neste amplo arco do amor a Deus e ao próximo⁴, e a comunhão de vida e de amor que nele se realiza é sinal vivo e privilegiado do amor de Deus pelo mundo. Enraíza-se aqui a sacramentalidade do matrimónio cristão: o amor humano em geral e, em particular, a sua expressão matrimonial aparecem como sacramento (isto é, sinal e instrumento) do amor de Deus pelo mundo. O que acontece no matrimónio é, sem dúvida, a forma mais comum, mas também a mais densa e qualificada, da vocação humana para o amor (o que não quer dizer, obviamente, que só no matrimónio a pessoa realize a sua vocação para o amor).

À luz do testemunho bíblico, a vivência do amor humano é a imagem, a metáfora, a gramática, a linguagem existencial mais adequada para falar do amor salvífico de Deus pela humanidade. “O matrimónio é um sinal precioso, porque, ‘quando um homem e uma mulher celebram o sacramento do matrimónio, Deus, por assim dizer, ‘espelha-se’ neles, imprime neles as suas características e o carácter indelével do seu amor. O matrimónio é o ícone do amor de Deus por nós. [...] Isto tem consequências muito concretas na vida do dia-a-dia, porque, ‘em virtude do sacramento, os esposos são investidos numa autêntica missão, para que

² *Redemptor Hominis*, nº 10.

³ Cf. W. KASPER, *Unicidad y universalidad de Jesucristo*, in A. VARGAS-MACHUCA (ed.), *Jesucristo en la historia y en la fe. Semana Internacional de Teología*, Salamanca 1977, 278 s.; *Amoris Laetitia*, nº 306.

⁴ Cf. *Deus Caritas Est*, nºs 15-18; S. ADROHER BIOSCA - A. BERÁSTEGUI PEDRO-VIEJO - J. ÚBEDA GÓMEZ, *Abrid las puertas (Is 26, 2)*, in *Sal Terrae* 99 (2011) 607-620. Com pertinência observa A. Spadaro que a *Amoris Laetitia* é uma exortação sobre o amor, não sobre a doutrina do matrimónio: A. SPADARO, *Struttura e significato dell’Esortazione apostolica post-sinodale di Papa Francesco*, in *La Civiltà Cattolica* 167, nº 3980 (2016) 109 s.

possam tornar visível, a partir das realidades simples e ordinárias, o amor com que Cristo ama a sua Igreja, continuando a dar a vida por ela”⁵.

Isto não significa – é o Papa Francisco que o lembra, logo a seguir – que se deva “atirar para cima de duas pessoas limitadas o peso tremendo de ter que reproduzir perfeitamente a união que existe entre Cristo e a sua Igreja, porque o matrimónio como sinal implica ‘um processo dinâmico, que avança gradualmente com a progressiva integração dos dons de Deus’”⁶. Mas quer dizer, sim, que estamos perante uma realidade que, pela totalidade envolvente das suas expressões, como promessa de vida e convite a um caminho de vida a partir da fé, melhor é capaz de dizer como e quanto Deus nos ama⁷.

1.3. O amor humano suportado, capacitado e interpelado pelo amor de Deus

A esta luz, o amor matrimonial e familiar não é entendido e vivido como mero resultado do esforço e da vontade humanos – por mais que a liberdade e a vontade humanas estejam aqui envolvidas e sejam indispensáveis. A vivência do amor autêntico, expresso em entrega e doação, é suportada, potenciada, interpelada pelo amor de Deus derramado nos nossos corações, ou seja, pela acção de Deus no seu Espírito que possibilita a existência cristã em todos os seus aspectos. É sob este horizonte que deve ser lido o capítulo 13 da Primeira Carta aos Coríntios, o assim chamado – impropriamente do ponto de vista exegetico-literário, pois trata-se de prosa, ainda que de grande beleza literária – “canto” ou “hino” ao amor.

Este texto – é importante recordá-lo – está inserido num conjunto temático mais amplo (1 Cor 12,1 a 14, 40), ou seja, na reflexão paulina sobre os dons espirituais e carismas, sobre os dons do Espírito dados a cada cristão para o serviço da comunidade. Embora Paulo não apresente, propriamente falando, o amor como sendo um carisma, antes aponta para uma realidade mais fundante, estruturante e englobante da existência cristã, é importante tomar consciência de que estamos situados no âmbito dos frutos da acção do Espírito, isto é, do agir de Deus no coração das pessoas e dos

⁵ *Amoris Laetitia*, nº 121. Cf. *Deus Caritas Est*, nº 11. Cf. ainda: Cf. K. LEHMANN, *O matrimónio cristão como sacramento*, in *Communio* 14 (1997) 113-121; W. KASPER, *Zur Theologie der christlichen Ehe*, *Topos-Taschenbücher* 112, Mainz 2/1981; ID., *O Evangelho da família*, Prior Velho 2014; P. HÜNERMANN, *Das Sakrament der Ehe. Eine dogmatische Lektüre von Amoris laetitia*, in *Theologische Quartalschrift* 196 (2016) 299-317; U. BAUMANN, *Unsere Liebe in Gottes Liebe festmachen. Ehe als Sakrament*, in *Theologisch-praktische Quartalschrift* 144 (1996) 5-13.

⁶ *Amoris Laetitia*, nº 122.

⁷ Cf. *Amoris Laetitia*, nº 142.

acontecimentos da história, da presença interior e activa do Senhor Ressuscitado pelo seu Espírito na vida de cada cristão⁸.

Para Paulo, o que está aqui em causa, pois, é a descrição nuclear de um modo de agir na busca de fidelidade ao essencial do Evangelho. No conjunto do seu pensamento é claro que a correcta prática dos carismas só pode acontecer pelo caminho mais profundo e evangélico do amor/ágape como acolhimento de Deus, doação aos outros, espírito de serviço. Todo o amor/ágape humano funda-se no ser amado primeiramente por Deus, é exigência de resposta ao amor de Deus manifestado em Jesus Cristo, é reflexo e correspondência ao amor recebido de antemão. Trata-se, pois, do que é verdadeiramente importante, do que conta nesta vida e para além dela.

Nesse sentido, Paulo fala da necessidade de ultrapassar a nossa fixação em dons, posições, realizações religiosas ou profanas especiais e aponta para o fundamento mais profundo de tudo, a gratuita capacitação para amar no seguimento de Jesus. É o caminho do Reino de Deus anunciado e vivido por Jesus. Só assim – pela fé e pela esperança – é possível dar espaço ao amor e combater e ir vencendo o mal com o bem, muitas vezes para além das meras considerações da nossa razão ou das nossas conveniências⁹. O amor humano no matrimónio e na família é viável e durável como realização feliz de vida, apesar de todas as dificuldades e contrariedades, na medida em que nos abrimos ao acolhimento do amor de Deus, em que nos sabemos suportados e fortalecidos pela graça de Deus – um aspecto que a “*Amoris Laetitia*” acentua repetidamente¹⁰.

2.0 amor matrimonial e familiar – um dom e uma tarefa quotidianos

Ainda que sem qualquer pretensão de ser completo, sistematizo em sete perspectivas fundamentais aquilo que me parece emergir como mais significativo no capítulo IV da “*Amoris Laetitia*” (nºs 89 a 164).

2.1. O amor matrimonial e familiar como caminho de toda uma vida

Um primeiro dado a ter em conta é a consciência de que o amor matrimonial e familiar é um caminho de vida, com tudo o que isso implica

⁸ Cf. J. KREMER, *Der erster Brief an die Korinther. Übersetzt und erklärt von Jacob Kremer. Regensburger Neues Testament*, Regensburg 1997, 281-297, aqui particularmente 292-295; W. SCHRAGE, *Der erste Brief an die Korinther. 3. Teilband 1 Kor 11, 17-14, 40, Evangelisch-Katholischer Kommentar zum Neuen Testament, Band VII/3*, Zürich – Düsseldorf - Neukirchen-Vluyn 1999, 273-320, aqui particularmente 319 s.; N. B. PEREIRA, *A Amoris Laetitia e a sua fundamentação bíblica*, in *Revista Eclesiástica Brasileira* 76, nº 303 (2016) 732-748, part. 737 ss.

⁹ Cf. J. KREMER, *Der erster Brief an die Korinther*, 295.

¹⁰ “Para que este amor possa atravessar todas as provações e manter-se fiel contra tudo, requer-se o dom da graça que o fortalece e eleva”: *Amoris Laetitia*, nº 124. Cf. ainda e, por exemplo, *Amoris Laetitia*, nºs 36, 37 e 134.

de alegrias e tristezas, de esperanças e decepções. Um dos aspectos mais salientes da “*Amoris Laetitia*” consiste precisamente em que a Exortação Apostólica, com apurado sentido da realidade e com uma linguagem nova, não apresenta uma visão idílica, romântica, do amor, mas mantém viva – em todo o documento, mas particularmente neste capítulo IV – a consciência de que o amor matrimonial e familiar se vive como percurso de vida, com altos e baixos, com momentos felizes mas também com momentos de dificuldade e perplexidade. Citando os bispos do Chile, o Papa Francisco lembra que “não existem as famílias perfeitas que a publicidade falaciosa e consumista nos propõe”. E acrescenta: “É mais saudável aceitar com realismo os limites, os desafios e as imperfeições, e dar ouvidos ao apelo para crescer juntos, fazer amadurecer o amor e cultivar a solidez da união, suceda o que suceder”¹¹.

Trata-se, pois, de entender o amor numa forma dinâmica, inserido num caminho de vida a construir dia a dia, como o é a história de vida de qualquer pessoa e a própria existência cristã. “Para o Papa Francisco – comenta W. Kasper – o motivo bíblico do caminho é determinante. Ser cristão é pôr-se a caminho com Jesus. Nesse caminhar vale a lei dos passos (*lex gradualitatis*) [...]”¹².

Esta percepção verdadeira da realidade deve levar-nos a uma profunda autocrítica sobre a maneira como apresentamos as convicções cristãs a respeito do matrimónio e da família ou olhamos para a vida concreta das pessoas e sua situação. Muitas vezes – exemplifica o Papa Francisco –, tendemos a apresentar “um ideal teológico do matrimónio demasiado abstracto, construído quase artificialmente, distante da situação concreta e das possibilidades efectivas das famílias tais como são. Esta excessiva idealização, sobretudo quando não despertámos a confiança na graça, não fez com que o matrimónio fosse mais desejável e atraente; muito pelo contrário”¹³. “Durante muito tempo – prossegue noutra passagem – pensámos que, com a simples insistência em questões doutrinárias, bioéticas e morais, sem motivar a abertura à graça, já apoiávamos suficientemente as famílias, consolidávamos o vínculo dos esposos e enchíamos de sentido as suas vidas compartilhadas. Temos dificuldade em apresentar o matrimónio mais como um caminho dinâmico de crescimento e realização do que como um fardo a carregar a vida inteira”¹⁴. “O amor matrimonial – diz ainda o Papa – não se estimula falando, antes de mais nada, da indissolubilidade como uma obrigação, nem repetindo uma doutrina, mas robustecendo-o por meio

¹¹ *Amoris Laetitia*, nº 135.

¹² W. KASPER, “*Amoris laetitia*”, 725. Cf. *Amoris Laetitia*, nºs 293-295. Cf. ainda H. KOCH, *Amoris Laetitia*, 369; D. BOGNER, *Was meint und wobei hilft “Gradualität”? Eine Begriffsklärung zur Familiensynode 2015*, in *Stimmen der Zeit* 233 (2015) 446-454.

¹³ *Amoris Laetitia*, nº 36. Cf. U. NOTHELLE-WILDFEUER, *Familienrealitäten und Familienbilder*, 339 s.

¹⁴ *Amoris Laetitia*, nº 37.

dum crescimento constante sob o impulso da graça”. [...] O amor que não cresce, começa a correr perigo; e só podemos crescer correspondendo à graça divina com mais actos de amor, com actos de carinho mais frequentes, mais intensos, mais generosos, mais ternos, mais alegres”¹⁵.

A “*Amoris Laetitia*” mostra-se, pois, muito consciente da historicidade que marca todo o viver humano e o próprio caminhar na fé. Uma historicidade que hoje emerge de diversas formas, desde a consciência do mundo que evolui ao impacto das diversas transformações em curso, desde a experiência das mudanças imprevisíveis que afectam o ser e o agir das pessoas à longevidade da vida¹⁶. A vivência do amor matrimonial e familiar exige a renovação dia-a-dia duma decisão primeira e fundamental perante novas e inesperadas situações, o “sim” inicial dos esposos tem de ser seguido da gradualidade, passo a passo, dos muitos “sim” que a vida inapelavelmente nos pede¹⁷.

2.2. A alegria e a grandeza do amor: o amor conjugal como “amizade maior”

O Evangelho do matrimónio e da família só pode ser anunciado e vivido com alegria e credibilidade a partir da consciência do que o amor conjugal e suas expressões significa de particular na vida humana¹⁸. O amor conjugal tem de ser visto como grande dom de Deus ao ser humano, criado homem e mulher, chamados à união mais plena possível entre seres humanos: “Depois do amor que nos une a Deus, o amor conjugal é a «amizade maior». É uma união que tem todas as características duma boa amizade: busca do bem do outro, reciprocidade, intimidade, ternura, estabilidade e uma semelhança entre os amigos que se vai construindo com a vida partilhada. O matrimónio, porém, acrescenta a tudo isso uma exclusividade indissolúvel, que se expressa no projecto estável de partilhar e construir juntos toda a existência”¹⁹.

Trata-se de uma amizade que tem “um carácter totalizante”, e por isso mesmo é redutor – como aconteceu com frequência até ao Concílio Vaticano II – ver o matrimónio primordial e exclusivamente sob o prisma da procriação, esquecendo ou subvalorizando que ele foi instituído “para que o amor mútuo ‘se exprima convenientemente, aumente e chegue à maturidade””, um amor que “leva os esposos ao livre e recíproco dom de si

¹⁵ *Amoris Laetitia*, nº 134.

¹⁶ Cf. *Amoris Laetitia*, nº 163.

¹⁷ Cf. *Amoris Laetitia*, nº 164. Cf. ainda nºs 111, 116 e 117.

¹⁸ Cf. *Amoris Laetitia*, nº 89. Cf. A. O. MORAES, *Desafios e perspectivas à Pastoral Familiar a partir da *Amoris Laetitia**, in *Atualidade Teológica* 20, nº 54 (2016) 587 s.

¹⁹ *Amoris Laetitia*, nº 123.

mesmos, que se manifesta com a ternura do afecto e com as obras, e penetra toda a sua vida»²⁰.

É radicadas na profundidade e totalidade deste amor que se fundamentam a fidelidade e indissolubilidade que, à luz da fé, o Evangelho do matrimónio e da família propõe²¹. A indissolubilidade do matrimónio radica na natureza do próprio amor de dois seres humanos. Não está em causa, em primeiro lugar, uma qualquer realidade sacramental isolável do amor: a sacramentalidade apenas reforça, dá o sentido cristão a uma realidade profunda e consistentemente humana.

Mas – e isso tem consequências muito importantes de vária ordem, ainda não conscientemente assumidas em todos os aspectos – falar do amor não é falar simplesmente de um sentimento que se tem, muito menos de uma lei a cumprir, de um mero contrato que a história de vida de duas pessoas não possa vir a revogar, de uma realidade pré-garantida de antemão por toda a vida. A pergunta pela autenticidade, pela qualidade e pela maturação do amor humano, conjugal e familiar, está aqui profundamente em jogo.

Por outro lado, falar do amor conjugal como “amizade maior” não pode deixar nos lembrar que a vida matrimonial/familiar nem sempre foi/é devidamente valorizada face a outras modalidades de vida. Os diversos estados de vida ou vocações fundamentais devem ser considerados como complementares, “de tal modo que um pode ser mais perfeito num sentido e outro pode sê-lo a partir dum ponto de vista diferente”²². Virgindade e matrimónio, possuindo embora valores simbólicos diferentes, são chamados a iluminar-se mutuamente como modalidades diferentes de amar, que pedem abertura e encorajamento recíprocos: “Enquanto a virgindade é um sinal ‘escatológico’ de Cristo ressuscitado, o matrimónio é um sinal ‘histórico’ para nós que caminhamos na terra, um sinal de Cristo terreno que aceitou unir-Se a nós e Se deu até ao derramamento do seu sangue”²³. Há aqui, nesta consideração da consistência cristã do amor conjugal, uma abertura de horizontes que nos obriga a rever algumas ideias feitas em termos de linguagem doutrinal, espiritualidade cristã, práticas eclesiais.

2.3. Valoração positiva da sexualidade como realidade boa, querida por Deus

²⁰ *Amoris Laetitia*, n° 125, citando *Gaudium et Spes*, n°s 49 e 50. Cf. K. LEHMANN, *O matrimónio cristão*, in *Communio* 14 (1997) 114 s.; P. HÜNERMANN, *Das Sakrament der Ehe*, 313 ss.; J. SCHAWENEDER, *Vom Zweckvertrag zur Lebensgemeinschaft. Das Leitbild der christlichen Ehe*, in *Theologisch-praktische Quartalschrift* 144 (1996) 15-27.

²¹ Escreve o Papa Francisco: “Sejamos sinceros na leitura dos sinais da realidade: quem está enamorado não projecta que essa relação possa ser apenas por um certo tempo; quem vive intensamente a alegria de se casar não está a pensar em algo de passageiro; aqueles que acompanham a celebração duma união cheia de amor, embora frágil, esperam que possa perdurar no tempo; os filhos querem não só que os seus pais se amem, mas também que sejam fiéis e permaneçam sempre juntos. Estes e outros sinais mostram que, na própria natureza do amor conjugal, existe a abertura ao definitivo”: *Amoris Laetitia*, n° 123.

²² *Amoris Laetitia*, n° 159. Cf. ainda n° 160.

²³ *Amoris Laetitia*, n° 161.

A consideração da grandeza do amor conjugal e sua expressão em termos familiares vem assinalada na “*Amoris Laetitia*” – a começar por um número que se intitula “amor apaixonado”²⁴ –

por uma visão positiva, realista, descomplexada, da sexualidade, situada dentro do mundo dos desejos, sentimentos e emoções que ocupam um lugar importante na vida matrimonial²⁵. Referindo-se a S. Tomás e tendo em conta a “*Amoris Laetitia*”, escreve Walter Kasper: “Numa perspectiva global ele avalia as paixões como forças dadas ao ser humano pelo Criador. Sexualidade e erotismo são dons positivos que tiram o ser humano para fora de si mesmo, abrem-no para a parceria bem como para o serviço da continuação da família, do povo e do género humano. *Cum grano salis* pode-se dizer: ‘*Amoris laetitia*’ distancia-se de uma visão negativa, agostiniana, da sexualidade e adere à visão tomista afirmativa da criação”²⁶.

A Exortação Apostólica não ignora, é certo, que, como muita outra coisa na vida humana individual e colectiva, estamos perante uma realidade marcada por ambiguidades, passível de desvios, deformações e abusos que não respeitam a própria dignidade e a dignidade alheia, sujeita até a patologias. Também aqui a “*Amoris Laetitia*” procura apresentar o tema “na sua integridade e com um sã realismo”²⁷ e não cai em qualquer visão utópica que desconhecêsse os problemas existentes na vida concreta, desde a absolutização amoral da sexualidade à violência doméstica nas suas diversas expressões. Adverte-se, por isso, contra “um egocentrismo que torna impossível cultivar uma vida sadia e feliz em família”²⁸ e reconhece-se que a sexualidade pode ser “ocasião e instrumento de afirmação do próprio eu e de satisfação egoísta dos próprios desejos e instintos”²⁹. Fala-se, por isso mesmo, da necessária educação das paixões, como tarefa de equilíbrio e de sentido que se tem de conquistar através de uma recíproca doação³⁰.

Mas, apesar disso, apesar mesmo de se tratar de uma realidade envolvida hoje em dia em todo um amplo contexto social e cultural com seus riscos e deturpações, a “*Amoris Laetitia*” não cai numa visão pessimista e prevalentemente negativa, tão habitual em muitos sectores eclesiásticos, sejam eles de tipo clerical ou de origem laical. Pelo contrário, reconhece expressamente que Deus ama a alegria dos seus filhos³¹ e que os

²⁴ Cf. *Amoris Laetitia*, nºs 142-157.

²⁵ Cf. *Amoris Laetitia*, nº 143.

²⁶ W. KASPER, “*Amoris laetitia*”, 725. Cf. H. KOCH, *Amoris Laetitia*, 368, L. MARTÍNEZ SAAVEDRA, *L’Exhortation Amoris laetitia. Un tournant magisterial*, in *Spiritus* 224 (2016) 352

²⁷ *Amoris Laetitia*, nº 153. Cf. ainda nºs 154 e 155.

²⁸ *Amoris Laetitia*, nº 145.

²⁹ *Amoris Laetitia*, nº 153.

³⁰ Cf. *Amoris Laetitia*, nºs 154-156.

³¹ Cf. *Amoris Laetitia*, nº 149.

momentos de alegria e de prazer têm de ser vistos como dons de Deus que devemos saber usufruir, agradecer e tornar caminhos de crescimento feliz para o amor matrimonial e a vida familiar: “O amor matrimonial leva a procurar que toda a vida emotiva se torne um bem para a família e esteja ao serviço da vida em comum”³².

Nesse sentido, a dimensão erótica do amor é plenamente assumida no seu carácter creatural de realidade boa, querida por Deus: “O próprio Deus criou a sexualidade, que é um presente maravilhoso para as suas criaturas”³³. Na sexualidade – prossegue a Exortação já no número seguinte - “trata-se de uma linguagem interpessoal onde o outro é tomado a sério, com o seu valor sagrado e inviolável. [...] Neste contexto, o erotismo aparece como uma manifestação especificamente humana da sexualidade. Nele [...] a corporeidade sexuada do ser humano possui ‘a capacidade de exprimir o amor: exactamente aquele amor em que o homem-pessoa se torna dom’”³⁴. “Assim, não podemos, de maneira alguma, entender a dimensão erótica do amor como um mal permitido ou como um peso tolerável para o bem da família, mas como dom de Deus que embeleza o encontro dos esposos”³⁵. “A sexualidade está ao serviço desta amizade conjugal de modo inseparável, porque tende a procurar que o outro viva em plenitude”³⁶.

Em síntese, sublinha o Papa Francisco que “a rejeição das distorções da sexualidade e do erotismo nunca deveria levar-nos ao seu desprezo nem ao seu descuido”³⁷. Somos a partir daqui obrigados – uma tarefa pendente em muitas situações – a analisar e rever o discurso eclesial sobre a sexualidade, que, muitas vezes, tem sido feito ou percebido como um discurso de proibições que desqualificam e não ajudam a viver o dom e a alegria do amor³⁸.

2.4. A vida quotidiana como lugar primeiro e decisivo de existência cristã

Porventura, o aspecto mais saliente da interpretação/explicitação que o Papa Francisco faz do texto da Carta aos Coríntios consiste na consciência, bem expressa no conjunto da Exortação Apostólica, de como o amor conjugal e familiar é argamassado no viver quotidiano, está envolvido e se decide no concreto da vida de cada dia³⁹. Na construção e no

³² *Amoris Laetitia*, nº 146.

³³ *Amoris Laetitia*, nº 150.

³⁴ *Amoris Laetitia*, nº 151, citando João Paulo II.

³⁵ *Amoris Laetitia*, nº 152.

³⁶ *Amoris Laetitia*, nº 156.

³⁷ *Amoris Laetitia*, nº 157.

³⁸ Cf. H. DERROITTE, *Une catéchèse qui change avec des familles qui changent*, in *Lumen Vitae* 60 (2005) 369.

³⁹ Cf. A. SPADARO, *Struttura e significato*, 113 s.; P. GUERRERO RODRÍGUEZ, “*Danos hoy nuestro amor de cada día...*”. *Matrimonio y educación para el amor: algunas claves pastorales*, in *Sal Terrae*

desenvolvimento do amor é das pequenas coisas diárias que se trata, é nos gestos e nas atitudes básicas que quotidianamente somos chamados a tomar que tudo se decide. Com o seu comentário simples, realista e concreto de 1 Cor 13, o Papa Francisco procura evidenciar que, atravessando a vida em todas as suas situações e contextos, o amor conjugal e familiar supõe e exige atenção ao quotidiano e a sua valorização como lugar primeiro e decisivo de existência humana e cristã.

Todos os sacramentos – e em particular o baptismo e a eucaristia – são e podem ser ditos sacramentos da vida quotidiana, mas o matrimónio é-o de uma forma particular. “Sacramentalidade, em sentido pleno, afirma justamente que não só a união entre marido e mulher é uma metáfora espiritual da união de Jesus Cristo com a sua Igreja, mas também que a realidade terrena e criatural do próprio casamento é assumida, ela própria, inteiramente no mistério da salvação. Em parte alguma é uma realidade humana tão profundamente penetrada pela graça como no sacramento do matrimónio. Ele é, por natureza, o mais terreno dos sacramentos. E o casamento não fica, deste modo, falsamente transfigurado. Ele deve ser aceite na sua inteira sobriedade. Resplandece nele a ‘separação das águas’, realizada pela cruz e pela ressurreição. E, assim, o sacramento dá ao matrimónio, sem renegar o seu carácter terreno e corpóreo, uma nova transparência ao Criador”⁴⁰.

Estão em causa aqui – como o Papa Francisco expressamente menciona – as pequenas/grandes coisas de cada dia. Sem qualquer pretensão de fazer aqui uma descrição minimamente completa, pode-se exemplificar com a “*Amoris Laetitia*” algumas dessas pequenas/grandes coisas: a paciência que sabe esperar, dando tempo ao tempo e compreendendo os limites das pessoas e de cada situação⁴¹; a amabilidade e a delicadeza de uma atitude não invasiva da vida do outro, que sabe respeitar a sua liberdade e permite o verdadeiro encontro⁴²; a capacidade de dizer palavras de incentivo, que reconfortam, fortalecem, consolam, estimulam⁴³; a alegria de ver o outro crescer e a disponibilidade para sintonizar com as suas alegrias, com o seu bem, com as suas capacidades⁴⁴; a aceitação do outro na sua diferença, acolhendo a riqueza que ele transporta consigo, mas também compreendendo e suportando aquilo que não corresponde totalmente ao que se esperava⁴⁵; o saber dar valor à outra pessoa, admitindo

103 (2015) 485-499. Sobre uma “teologia do quotidiano”, cf. M. SALDAÑA MOSTAJO, *La cotidianidad al trasluz*, in *Razón y Fe*, 269, nº 1386 (2014) 375-385; P. ROYANNAIS, *Devant et avec Dieu, vivre sans Dieu: une théologie du quotidien*, in *Recherches de Science Religieuse* 104 (2016) 53-77, part. 64 ss.

⁴⁰ Cf. K. LEHMANN, *O matrimónio cristão*, 121.

⁴¹ *Amoris Laetitia*, nº 91.

⁴² *Amoris Laetitia*, nº 99.

⁴³ *Amoris Laetitia*, nº 100.

⁴⁴ *Amoris Laetitia*, nº 95 e 96. Cf. ainda n.ºs 109, 110 e 149.

⁴⁵ *Amoris Laetitia*, nº 92.

interiormente que todos têm algo a dar-nos a partir da sua situação, da sua experiência, das suas capacidades ⁴⁶; a busca persistente da unidade e da comunhão, não obstante as diversidades existentes ⁴⁷; a utilização de uma linguagem e de um modo de falar que possam ser mais facilmente aceites ou tolerados pelo outro; a sensibilidade desperta a gestos de solicitude e a demonstrações de carinho pelo outro ⁴⁸.

Todos nós compreendemos bem como, por um lado, é da vida na sua realidade concreta que aqui se está a falar. Mas percebemos também como, por outro lado, há aqui uma enorme exigência que nos convida à humildade e nos interpela à doação. Será a fidelidade à rotina de cada dia, não os tempos iniciais de um casamento, o que em definitivo conseguirá manter a família na sua unidade ⁴⁹. Indo um pouco mais fundo, ressalta como determinante a percepção de que só se pode verdadeiramente ser cristão na e a partir da nossa vida ordinária, com todas as vicissitudes que ela contém e com tudo o que ela implica. Em última análise, é de enorme importância existencial e espiritual aprender a rezar a partir dessa vida, melhor dizendo, a “rezar essa vida” como lugar inalienável de encontro com o Mistério de Deus no concreto amor ao próximo.

2.5.O amor matrimonial e familiar como vivência e crescimento da capacidade de doação

A vivência do amor matrimonial e familiar assenta na capacidade de doação, entrega, serviço. Estamos – creio – no núcleo decisivo que faz do matrimónio e da família lugar primeiro de experiência de verdadeira humanidade e desafio profundo ao pleno sentido cristão da vida.

Mesmo que a auto-estima e o desejo de ser amado sejam legítimos e indispensáveis para nos sentirmos bem connosco e com o mundo que nos rodeia, o maior obstáculo à vivência e ao crescimento do amor consiste na tendência a centrarmo-nos sobre nós mesmos – nas nossas preocupações, nos nossos gostos e interesses, nos nossos projectos, nos nossos problemas, etc. etc. – sem capacidade de atenção e disponibilidade de coração para olhar à nossa volta (o outro cônjuge, os filhos, os pais, os avós...). É tarefa de toda uma vida aprender e reaprender sempre de novo o dom de si em sentido cristão, a compreender e a interiorizar que é “mais próprio da caridade querer amar do que querer ser amado” ⁵⁰. A celebração do matrimónio é sempre um momento inicial de uma viagem em que somos

⁴⁶ *Amoris Laetitia*, nº 138.

⁴⁷ *Amoris Laetitia*, nº 139.

⁴⁸ *Amoris Laetitia*, nº 140.

⁴⁹ Cf. G. CUCCI, *La coppia e la sfida del tempo*, in *La Civiltà Cattolica* 167, nº 3992 (2016) 115 s.

⁵⁰ *Amoris Laetitia*, nº 102, citando S. Tomás. Cf. *Deus Caritas Est*, nºs 6-10.

interpelados a apurar a nossa abertura ao outro, a capacidade de serviço, a generosidade capaz de sacrifício no concreto do dia-a-dia⁵¹.

O capítulo IV da *Amoris Laetitia* é, sob vários tons, um convite a viver a vida matrimonial e familiar como lugar e exigência privilegiados de doação, como espaço determinante da aprendizagem do espírito de serviço e da gratuidade, como contexto especialmente vocacionado para a educação na solidariedade concreta, na partilha fraterna e na abertura à fraternidade universal. “O ideal cristão, nomeadamente na família, é amor que apesar de tudo não desiste”⁵². É por isso que a família “é um sinal da esperança de que no nosso mundo a preocupação egoística não tem a primeira e a última palavra”⁵³.

2.6.O amor que passa por uma atitude de diálogo e pela capacidade de manter o diálogo

Numa reflexão integrada no contexto mais amplo do crescimento da caridade conjugal, o Papa Francisco dedica seis números ao diálogo⁵⁴, o que revela, desde logo, a importância que lhe atribui. “O diálogo – sublinha – é uma modalidade privilegiada e indispensável para viver, exprimir e maturar o amor na vida matrimonial e familiar”⁵⁵.

A existência de um clima de diálogo autêntico no seio da família, a começar pelos esposos, é o nó górdio do único caminho que pode levar à consistência e ao crescimento do amor conjugal e familiar. A base fundamental para que ele seja possível é uma atitude básica de confiança. Por isso mesmo – conclui o Papa - “uma família, onde reina uma confiança sólida, carinhosa e, suceda o que suceder, sempre se volta a confiar, permite o florescimento da verdadeira identidade dos seus membros, fazendo com que se rejeite espontaneamente o engano, a falsidade e a mentira”⁵⁶.

Mas – é muito importante lembrá-lo – o diálogo é, primeiro que tudo, escuta, capacidade de ouvir o outro (cônjuge, filho, avós, etc.). Na atitude de diálogo, o pressuposto fundamental, a verdadeira sabedoria consiste em saber escutar com abertura de espírito, paciência e atenção, o que supõe a ascese de não começar a falar antes do tempo indicado para isso: “Em vez de começar a dar opiniões ou conselhos, é preciso assegurar-se de ter escutado tudo o que o outro tem necessidade de dizer”⁵⁷. Isso exige

⁵¹ Cf. *Amoris Laetitia*, nº 94.

⁵² *Amoris Laetitia*, nº 119. Cf. ainda nºs 118, 97, 98 e 101.

⁵³ TH. CASEY, *La forza della famiglia*, in *La Civiltà Cattolica* 167, nº 3987-3988 (2016) 270.

⁵⁴ *Amoris Laetitia*, nºs 136-141.

⁵⁵ *Amoris Laetitia*, nº 136.

⁵⁶ *Amoris Laetitia*, nº 115.

⁵⁷ *Amoris Laetitia*, nº 137. Cf. X. RIEZU ARREGUI, *El diálogo*, in *Sal Terrae* 104 (2016) 613-624, aqui particularmente 617; G. CUCCI, *La coppia e la sfida del tempo*, 121 s.

também que a pessoa se disponha a reservar “tempo de qualidade” para que o outro possa abrir o seu coração e comunicar o que nos tem a dizer.

No verdadeiro diálogo emerge, por outro lado, o reconhecimento do valor do outro, do direito que tem a existir, a pensar de maneira própria e, assim, a contribuir com as riquezas de que é dotado, a procurar e encontrar o seu próprio caminho de ser feliz ⁵⁸. Na profunda abertura de espírito que isto supõe, o diálogo é lugar e oportunidade de enriquecimento mútuo, na pluralidade legítima de gostos, opções de vida, situações diferenciadas das pessoas na mesma família: “É possível que, do meu pensamento e do pensamento do outro, possa surgir uma nova síntese que nos enriqueça a ambos. A unidade, a que temos de aspirar, não é uniformidade, mas uma ‘unidade na diversidade’ ou uma ‘diversidade reconciliada’” ⁵⁹.

Em concreto e realisticamente, pode, tem de haver momentos particulares de diálogo na vida da família, para vencer barreiras, ultrapassar impasses, crescer na visão comum das dificuldades e dos problemas. A “falta de tempo” (real ou condicionada pelos nossos hábitos) é um dos desafios maiores que, hoje em dia, os casais e as famílias enfrentam. Mas não nos iludamos: o decisivo, como pressuposto e forma de concretização, passa por uma mentalidade de diálogo na vida quotidiana, pela capacidade de crescer na atitude dialogal como forma de vida. Certamente que tal passa por palavras, por modos de comunicação e pela atenção às linguagens diferentes dos diversos intervenientes (homens, mulheres, adultos, jovens...), o que requer “uma longa e diligente aprendizagem”. Mas – acrescenta logo o papa Francisco – “é sempre necessário cultivar algumas atitudes que são expressão de amor e tornam possível o diálogo autêntico” ⁶⁰.

2.7. A disponibilidade para desculpar, perdoar e recomeçar sempre de novo

Toda a relação pessoal na família, mais especificamente ainda a relação conjugal, envolve a necessidade de um coração misericordioso, disponível para desculpar os limites e as imperfeições do outro, aberto ao perdão ⁶¹. Sem o caminho e a disponibilidade para o perdão, que procura compreender e desculpar as falhas dos outros, que supera a tendência a imaginar e acentuar as más intenções do outro, que renova e transforma

⁵⁸ Cf. *Amoris Laetitia*, nº 138.

⁵⁹ *Amoris Laetitia*, nº 139. O Papa Francisco utiliza aqui uma expressão marcante – “diversidade reconciliada” – do diálogo ecumênico católico-luterano. Cf. H. MEYER, *La notion d’«unité dans la diversité réconciliée»*, in *Irénikon* 57 (1984) 27-51.

⁶⁰ *Amoris Laetitia*, nº 136.

⁶¹ *Amoris Laetitia*, nº 113.

profundamente a atitude do coração, o vínculo de amor e a estabilidade familiar estão ameaçados nas suas raízes ⁶².

Estamos, como todos sabemos, diante de algo muito difícil, mas verdadeiramente essencial. O risco da falta de harmonia, das falhas, das ofensas e das desavenças familiares atravessa de muitos modos o quotidiano. “Quando estivermos ofendidos ou desiludidos, é possível e desejável o perdão; mas ninguém diz que seja fácil. A verdade é que ‘a comunhão familiar só pode ser conservada e aperfeiçoada com grande espírito de sacrifício. Exige, de facto, de todos e de cada um, pronta e generosa disponibilidade à compreensão, à tolerância, ao perdão, à reconciliação. Nenhuma família ignora como o egoísmo, o desacordo, as tensões, os conflitos agridem, de forma violenta e às vezes mortal, a comunhão: daqui as múltiplas e variadas formas de divisão da vida familiar’” ⁶³.

O Evangelho de Jesus deixa-nos claro, e nós reconhecemos isso pela nossa própria experiência, que ser capaz de perdoar vai para além dos limites das nossas próprias capacidades humanas, marcadas pela fragilidade, pelo pecado, pelo autoconvencimento, por pretensões de justiça à maneira humana. Estamos no núcleo da novidade evangélica: tudo começa no lugar que verdadeiramente damos ao amor misericordioso, incondicional, de Deus.

Nesta ordem de ideias, o Papa Francisco lembra que “para se poder perdoar, precisamos de passar pela experiência libertadora de nos compreendermos e perdoarmos a nós mesmos. [...] Faz falta – diz – rezar com a própria história, aceitar-se a si mesmo, saber conviver com as próprias limitações e inclusive perdoar-se, para poder ter esta mesma atitude com os outros” ⁶⁴. Mais radicalmente ainda, só se é capaz de perdoar se fizermos a experiência de ser objecto do perdão gratuito e misericordioso: “Fomos envolvidos por um amor prévio a qualquer obra nossa, que sempre dá uma nova oportunidade, promove e incentiva. Se aceitamos que o amor de Deus é incondicional, que o carinho do Pai não se deve comprar nem pagar, então poderemos amar sem limites, perdoar aos outros, ainda que tenham sido injustos para conosco. Caso contrário, a nossa vida em família deixará de ser um lugar de compreensão, companhia e incentivo, e tornar-se-á um espaço de permanente tensão ou de castigo mútuo” ⁶⁵.

Neste ponto, relembro S. Paulo, a palavra do Papa Francisco é particularmente incisiva, ao acentuar “o dinamismo contracorrente do amor”, que “tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”, tornando-

⁶² *Amoris Laetitia*, nº 105.

⁶³ *Amoris Laetitia*, nº 106.

⁶⁴ *Amoris Laetitia*, nº 107.

⁶⁵ *Amoris Laetitia*, nº 108.

se “capaz de enfrentar qualquer coisa que o ameaçar”⁶⁶. Para isso – propõe – “basta um pequeno gesto, uma coisa de nada. É suficiente uma carícia, sem palavras. Mas nunca permitais que o dia em família termine sem fazer as pazes”⁶⁷. E – sublinha ainda o Papa Francisco – há três palavras-chave do amor que têm aqui, como clima que se procura viver, o seu lugar: “com licença”, “obrigado”, “desculpa”⁶⁸.

3. Breves acentuações conclusivas

Termino com cinco breves notas conclusivas.

a) Algo que a *Amoris Laetitia* nos ensina e a que apela é – na sua linguagem, no sentido fundamental das suas afirmações, no horizonte para que aponta – a necessidade de crescermos na nossa capacidade de saber anunciar e testemunhar o Evangelho do matrimónio e da família, possibilitando que se saboreie a alegria do amor, olhando com um olhar bem aberto mas terno para a realidade como ela é e procurando ajudar as pessoas a ler essa realidade à luz do amor incondicional de Deus para conosco. Há que ultrapassar um discurso teórico e abstracto, sem relação perceptível com os problemas e perguntas reais das pessoas, atravessado muitas vezes mesmo por um pessimismo atávico, bem pouco evangélico. A pastoral familiar “deve fazer experimentar que o Evangelho da família é resposta às expectativas mais profundas da pessoa humana: a sua dignidade e plena realização na reciprocidade, na comunhão e na fecundidade. Não se trata apenas de apresentar uma normativa, mas de propor valores, correspondendo à necessidade deles que se constata hoje, mesmo nos países mais secularizados”⁶⁹.

b) Só se pode anunciar e testemunhar com alegria e esperança o Evangelho do matrimónio e da família como dom de Deus a acolher e promessa humana a cumprir, se se partir conscientemente de um olhar positivo sobre a vida matrimonial e familiar, não obstante todas as deficiências e fragilidades que a afectam ou possam marcar. Em toda a família, qualquer que seja a sua situação, há sempre algo de positivo a reconhecer e a acolher, há “uma tal riqueza de laços, de valores, de realidades positivas, que pelo menos um elemento subsiste sempre sobre o qual é possível apoiar-se para se pôr a caminho”⁷⁰. “A força da família – salienta o Papa

⁶⁶ *Amoris Laetitia*, nº 111.

⁶⁷ *Amoris Laetitia*, nº 104.

⁶⁸ *Amoris Laetitia*, nº 133.

⁶⁹ *Amoris Laetitia*, nº 201. Cf. W. KASPER, *O Evangelho da família*, Edições Paulinas, Lisboa 2014.

⁷⁰ F. BOUSQUET, *Le discours chrétien sur la famille: une parole d'espérance et non de jugement...*, in *Catèchèse* 133 (1993) 55. Cf. G. ROUTHIER, *Le rôle de la famille dans la formation chrétienne*, in *Lumen Vitae* 60 (2005) 457.

Francisco – ‘reside essencialmente na sua capacidade de amar e ensinar a amar. Por muito ferida que possa estar uma família, ela pode sempre crescer a partir do amor’⁷¹.

c) Nesse olhar de um realismo marcado pela esperança, o anúncio cristão do Evangelho da família tem de encontrar formas de linguagem, atitudes de vida e gestos de compreensão que tornem claro que não se trata de uma lei a cumprir, mas de um dom a acolher, uma possibilidade de dar sentido à vida, uma promessa de esperança, alegria, futuro, em que vale a pena acreditar e apostar. Desde logo e por exemplo, importa ressaltar que, na vida matrimonial e familiar, se está verdadeiramente diante de uma “vocação” humana, a acolher livremente na fé (globalmente terminado o contexto de cristandade em que se viveu, nunca é nem será “evidente” a opção pelo matrimónio cristão!)⁷². Por outro lado, é cada vez mais urgente deixar claro que todos os aspectos jurídico-institucionais, por mais indispensáveis que sejam neste domínio, têm por base e só fazem sentido se suportados pelo amor vivido e mantido em entrega e doação. Não menos relevante é a necessidade de deixar inequivocamente clara a convicção crente de que, no meio e apesar de todas os nossos limites, fraquezas e contradições, o amor de Deus nunca nos abandona nos caminhos da vida. Enfim, nunca se pode perder a noção de que, por mais fortes que sejamos ou julgemos ser, a vida matrimonial e familiar é, verdadeiramente, um tesouro guardado em vasos de barro. De facto, é fundamental sempre ter-se bem consciência de que a dimensão histórico-processual da vida matrimonial e familiar atravessa todas as suas camadas e dimensões, todos os momentos de uma vida que, em todas as suas vicissitudes, não é programável definitivamente de antemão.

d) Centrada embora sob o horizonte último da família cristã, a pastoral familiar é interpelada a saber valorizar – à luz da fé cristã no Deus Criador e Salvador – o que significa em termos humanos a realidade do matrimónio e da família e entende a sua tarefa como serviço às pessoas e às famílias independentemente da sua situação em termos de vivência crente ou de proximidade eclesial. Na prática isto significa que uma pastoral familiar, sem deixar de o propor em condições adequadas e como anúncio de “bem-aventurança” a acolher⁷³, não se pode deixar afunilar pelo objectivo

⁷¹ *Amoris Laetitia*, nº 53. D. FARES, *Educare i figli secondo ‘Amoris Laetitia’*. *La pedagogia fi papa Francisco*, in *La Civiltà Cattolica* 167, nº 3982 (2016) 356-368, aqui 360.

⁷² Cf. *Amoris Laetitia*, nº 72. Cf. ainda M. D. LÓPEZ GUZMÁN, *Mucho más que entregarse*, in *Sal Terrae* 99 (2011) 565-578, part. 577 s.; N. BECQUART, *La vie comme vocation. Comment la présenter aux jeunes?*, in *Christus* 239 (2013) 342-350.

⁷³ “A tibieza, qualquer forma de relativismo ou um excessivo respeito na hora de propor o sacramento seriam uma falta de fidelidade ao Evangelho e também uma falta de amor da Igreja pelos próprios jovens”: *Amoris Laetitia*, nº 307.

imediatamente do casamento cristão. Dar o seu apoio humano e cristão a um possível casamento humanamente rico, aberto a uma vivência honesta e profunda do amor, mesmo que não sacramental, e ajudar, nas suas necessidades e nos seus problemas, famílias mais ou menos afastadas da vida quotidiana das nossas comunidades cristãs é amar a Deus e ao próximo, é um contributo fundamental do Evangelho e da Igreja para o bem da sociedade e a construção humana do mundo.

e) Na visão do matrimónio e da família e na consequente acção pastoral que nos é pedida, a Exortação Apostólica “*Amoris Laetitia*” trouxe aqui, no dizer do Cardeal Walter Kasper, uma “mudança de paradigma”, que não muda a doutrina anterior, mas a coloca num contexto mais amplo: “Assim – escreve – ‘*Amoris Laetitia*’ não muda um jota na doutrina da Igreja, e no entanto muda tudo”⁷⁴. Perceber esta mudança de paradigma como dom de testemunho cristão e tarefa de discernimento evangélico é o desafio que está colocado nas nossas mãos, chamados que somos à fidelidade que brota do sentido da fé dos crentes e à ajuda concreta às famílias em qualquer situação em que se encontrem. Somos chamados a testemunhar com simplicidade e verdade a alegria do amor, a ajudar a que os nossos filhos, amigos e todos quantos se vão cruzando connosco nos caminhos da vida sintam existencialmente que o amor misericordioso de Deus é a primeira e última palavra sobre o mundo e sobre a história, sobre cada uma das nossas vidas⁷⁵. “Não percamos a esperança por causa dos nossos limites, mas também não renunciemos a procurar a plenitude de amor e comunhão que nos foi prometida”⁷⁶.

José Eduardo Borges de Pinho

⁷⁴ W. KASPER, “*Amoris laetitia*”, 725 s.

⁷⁵ “As nossas comunidades serão capazes de permanecer vivas e dinâmicas na obra da nova evangelização na medida em que a ‘conversão pastoral’, que estamos chamados a viver, for plasmada dia após dia pela força renovadora da misericórdia. Não limitemos a sua ação; não entristeçamos o Espírito que indica sempre novas sendas a percorrer para levar a todos o Evangelho da salvação”: *Misericordia et misera*, nº 5 in

https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20161120_misericordia-et-misera.html. Cf. U. NOTHELLE-WILDFEUER, *Familienrealitäten und Familienbilder*, 351-353; J.-P. ROCHE, *De “la nouvelle évangélisation” à La joie de l’Évangile*, in *Spiritus* 2018 (2015) 23 s.

⁷⁶ *Amoris Laetitia*, nº 325.